

O Lampião da Esquina: homossexualidade e religião na imprensa gay no Brasil (1978-1981)

The Lampião da Esquina:
homosexuality and religion in a gay Brazilian newspaper (1978-1981)

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso¹

Resumo

O nosso objetivo por meio deste artigo é analisar como o jornal *Lampião da Esquina* primeiro periódico gay feito por e para homossexuais a circular em nível nacional no Brasil, entre os anos de 1978 e 1981, se apresenta por meio de algumas reportagens em relação ao tratamento dado pela Religião à questão da homossexualidade. Para tanto, pretendemos apresentar, de forma sucinta, o surgimento do jornal, um breve contexto relacionado à construção do “ser homossexual” por meio dos discursos religioso, médico e estatal, para posteriormente observarmos como o *Lampião da Esquina* se apresenta em relação à questão Religião/Homossexualidade. Com isso queremos proporcionar novas abordagens no campo da Ciência Histórica, percebendo como os campos da sexualidade e da imprensa são férteis para analisar a complexidade das relações humanas e, principalmente, observar o papel social da imprensa gay acerca de todas as representações negativas ligadas à figura do homossexual. Assim poderemos perceber que notas não só de desagravo como também de indignação por parte dos que sofrem diariamente com esse discurso que exclui, que mata, que fere e transforma um ser, foram constantes no jornal, ou seja, a tentativa de

“atacar” ou responder à Religião, expondo pensamentos contrários aos seus, e que eles não influenciam na vida de uma pessoa, mostra qual a postura do jornal em relação à Igreja e ao seu tratamento perante os homossexuais.

Palavras-chave: História Social. Meios de Comunicação. Sexualidade.

Abstract

In this paper we want to analyze how the first newspaper written by and for homosexuals circulating nationally in Brazil, between 1978 and 1981 called *Lampião da Esquina* shows its opinion about the treatment that the religions did give to the homosexuality. Firstly we want to present succinctly the appearance of the newspaper with a brief context related to the construction of the “homosexual concept” through religious, medical and government discourses. Secondly we want to show the way the newspaper show the relationship between Religion and Homosexuality. In this paper we want to provide new approaches in the field of Historical Science noticing how the fields of sexuality and the press are fertile to analyze the complexity of human relationships and especially to observe the social role of the gay press about all the negative representations linked to figure of the homosexual. In that way we can see how the newspaper show its indignation about the suffering and the social exclusion of the homosexuals that take place constantly in the newspaper. Parallel to this the newspaper show somehow a answer to the religious discourse about the homosexual trying to confront it.

Keywords: Social History. Media. Sexuality.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia, graduado em Turismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS/CPAQ. Membro do Universo Dialógico - Grupo de Pesquisa em Cultura, Política & Diversidade, atuando na linha de pesquisa: Cultura & Diversidade, Política & Sexualidade, da UFMS/CPAQ. Tem experiência nas áreas da História e do Turismo, com ênfase em violência e homossexualidade, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, cultura e imprensa. Email: vmariusso@hotmail.com

1 Um pouco do Lampião da Esquina (1978-1981)

O final do século XIX foi marcado pelo início do movimento homossexual no mundo, pois, nesse período, especificamente na Europa, já havia uma tentativa de “naturalizar” a homossexualidade, no sentido de que ela não fosse mais vista como uma doença ou uma perversão, que precisava de tratamento, contrapondo-se ao discurso médico, da segunda metade do mesmo século, no qual a homossexualidade era determinada por fatores genéticos, buscando uma causa e uma cura para ela (SOUSA NETTO, 2011; MARIUSSO, 2011).

Após essas primeiras manifestações, o início do século XX também se apresentou contrário às visões negativas relacionadas à homossexualidade, fruto de discursos médicos, religiosos, culturais, surgindo, assim, por volta de 1920, nos Estados Unidos, as organizações homófilas, fato considerado como o segundo momento das manifestações de um movimento que viria a se formar e se consolidar. O grande marco de visibilidade desse movimento foi a resistência à repressão sofrida frequentemente por homossexuais em um bar nos Estados Unidos, que ficou conhecido, em 1969, como a *Batalha de Stonewall Inn*, ocorrida no bairro Greenwich Village, em Nova York².

² Na noite de 28 de junho de 1969, policiais tentaram, como ocorria intermitentemente, fechar o bar alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas. Com a desculpa de que o local, era propriedade da máfia italiana instalada na cidade, o bar vinha sofrendo várias invasões da polícia que, aleatoriamente, prendia e agredia seus frequentadores. Desta vez os homossexuais que ali estavam que não se intimidaram, e atacaram os policiais com garrafas e pedras, forçando-os a chamar reforços. Gritando frases como “Poder Gay” e “Sou bicha e me orgulho disso”, os homossexuais e demais residentes do bairro acabaram chamando a atenção da imprensa e a cidade parou para ver o desfecho da situação. A batalha se transformou em um marco da luta homossexual, prolongando-se por cinco dias, sendo resolvida apenas com a intervenção do

É nesse contexto de visibilidade e surgimento do movimento de afirmação homossexual (termo utilizado na época) na Europa e nos EUA, que dez anos depois surgiria o primeiro veículo da imprensa feito por e para homossexuais a circular nacionalmente no Brasil, o jornal *Lampião da Esquina*³.

O jornal *Lampião da Esquina* nasceu da tentativa de criar uma antologia de literatura homossexual latino-americana pensada por Winston Layland, editor e dono da revista *Gay Sunshine* de San Francisco - Califórnia. Layland entrou em contato com o advogado e ativista Antônio Carlos Mascarenhas (um dos fundadores do *Grupo Homossexual Triângulo Rosa*) e o único a assinar sua revista na América Latina inteira, pedindo para que ele reunisse um número de escritores que pudesse criar essa antologia. Após uma reunião com esses escritores, jornalistas e intelectuais, a antologia não saiu, porém nasceu o *Lampião da Esquina*.

O jornal surgiu com o conselho editorial formado por onze editores, sendo eles: os jornalistas: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata e João Antonio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean Claude Bernardet; o antropólogo Peter Fry; o poeta e crítico de arte Fransciso Bittencourt; e o cineasta e escritor João Silvério Trevisan.

prefeito John V. Lindsay (Republicano), que ordenou o fim da violência policial. A partir de então, o dia 28 de junho é comemorado por mais de 140 países como “Dia (Internacional) do Orgulho Gay”.

³ Antes disso alguns pequenos folhetins, jornais mimeografados e até feitos a mão já circulavam, porém entre um pequeno grupo de pessoas, como o caso do *Snob* (1969) (SILVA, 2008; SIMÕES JUNIOR, 2011.).

Aguinaldo Silva desempenhava a função de coordenador de edição. Sua estrutura apareceria dividida em sete seções: “Opinião” (o equivalente ao editorial), “Ensaio”, “Esquina” (seção com artigos e notas variadas), “Reportagem”; “Literatura”, “Tendência” (seção cultural que se dividia em “Livro”, “Exposição”, “Peça” etc.), e “Cartas na mesa”. A partir do número cinco é publicada uma nova seção, “Bixórdia”, de fofocas em geral.

Portanto, em abril de 1978, foi publicada a edição de número zero do *Lâmpião da Esquina* (essa primeira edição surge com o nome *Lâmpião*), em um período, no qual o Brasil passava pelo declínio da Ditadura Militar e início da abertura política. O jornal se posicionou contrário a todas as formas de tratamento desigual contra os homossexuais e a todas as minorias⁴ que sofriam com esse tipo de comportamento violento e de exclusão. Desse modo, além dos homossexuais, o *Lâmpião* tratou de assuntos ligados a negros, mulheres, lésbicas, travestis, presidiários, ambientalistas etc.

Foram publicadas 37 edições do jornal e três extras no período de abril de 1978 a junho de 1981, combatendo a opressão e a imagem de que a preferência sexual poderia interferir negativamente no mundo em que as

pessoas vivem, sendo elas homossexuais ou não. O jornal *Lâmpião da Esquina* nesses dois anos e meio não deixou de realizar críticas às atitudes preconceituosas praticadas por grupos, que hoje denominamos por homofóbicos, e notas de desagravo foram constantes. Reportagens trazendo a figura do homossexual de maneira positiva e não pejorativa também preencheram as páginas do jornal.

O *Lâmpião da Esquina* chegou ao seu fim⁵ como uma importante ferramenta, não só responsável por ser precursor do movimento de afirmação homossexual que surgiu seis meses depois de sua criação, com a fundação do *Grupo Somos - SP* (idealizado por João Silvério Trevisan, um dos editores do jornal), mas também por ter sido capaz de criar mesmo em meio a um discurso violento, hegemônico, heteronormativo, machista, preconceituoso, sustentado por um estado autoritário, um discurso médico e religioso forte e predominante; dar visibilidade ao homossexual de maneira positiva, se posicionando como um veículo da imprensa, que se preocupava realmente com o seu público e com toda a minoria que sofria com o poder que os reprimia constantemente, proporcionando uma nova maneira de ver o homossexual, acendendo as luzes dos becos escuros, onde se encontravam essas pessoas.

⁴ O conceito não trata de um grupo inferior numericamente, mas do sentido de desvantagens sociais se comparados com a grande parte da população majoritária, sendo objeto de preconceito e desigualdade de tal grupo dominante. Ou seja, não é em caráter numérico e sim a posição subordinada do grupo dentro da sociedade. Ou como destaca Muniz Sodré em *Por um Conceito de Minoria*: a noção contemporânea de minoria refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas, etc. Ver: SODRÉ, Muniz. *Por um conceito de minoria*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/59696720/SODRE-Muniz-Por-Um-Conceito-de-Minoria>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

⁵ Os motivos para o seu fim se deve a vários fatores, tais como questões financeiras (eram os próprios editores que mantinham o jornal devido à receita dos anúncios serem baixas), divergência de ideais entre os editores, e principalmente, o período da abertura política possibilitou que outros jornais comessem a publicar o que antes não se publicava, mas não com a diversidade de assuntos como o *Lâmpião*, entretanto com uma liberdade maior do que antes.

2 Do pecaminoso ao doentio ou do pecado à patologização

A imprensa gay que surgiu na América do Norte, na Europa e, que posteriormente, começou no Brasil, com o jornal *Lampião da Esquina* (em nível nacional), não teve uma linha de formação por um acaso. Neste contexto encontrava-se e encontra-se o ponto principal dessa discussão, o homossexual.

O conceito que hoje se conhece de homossexual, surgiu no século XIX (CHAUÍ, 1984; PAMPLONA, 1994; SPENCER, 1996; COSTA, 1994).

Esse conceito que entendemos como homossexual, ou seja, aquela pessoas que possuem atitudes inversas da qual a sociedade heteronormativa julga corretas, sofreu transformações significativas, prevalecendo os conceitos pejorativos, assim como no seu surgimento.

Assim, tentaremos expor um pouco dessa transformação, passando pela imagem do homossexual pecaminoso (discurso bíblico), doente (discurso médico legal) e criminoso (Estado- Polícia). Depois analisaremos como o jornal *Lampião da Esquina* se apresenta por meio de algumas reportagens em relação ao tratamento dado pela religião à questão da homossexualidade, e, refletir sobre o papel social da imprensa gay a cerca de todas as representações negativas ligadas a figura do homossexual.

Muito antes do surgimento do conceito de homossexual, já havia relações entre pessoas do mesmo sexo, sofrendo repressão ou não. Após o surgimento de seu conceito, o homossexual passou a ser enquadrado dentro de classificações pejorativas, sendo responsável por uma dessas o cânon bíblico, que foi suficiente também para criar barreiras no

comportamento sexual dos indivíduos, por meio da repressão sexual ou os valores morais sexuais. “A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade” (CHAUÍ, 1984, p. 9).

Em algumas sociedades antigas, como a Grécia, muito antes do termo surgir, meninos se relacionavam com homens mais velhos, no intuito de os mais velhos repassarem as suas “qualidades” como cidadãos comuns ou como guerreiros por meio do sêmen, ou da “semente”, isso posteriormente para a cristandade se tornaria um absurdo.

As sociedades antigas tinham estabelecidos, uma regra sexual para os meninos, de modo que eles pudessem ser ensinados e treinados para a cidadania. [...] O amor entre homens era envolto em valor, heroísmo, bravura e masculinidade. A cristandade assustadas com essas verdades, tentou suprimir todos os conhecimento sobre elas, e ao longo do tempo reinterpretou os textos bíblicos que mencionavam o amor pelo mesmo sexo, de modo a colocar sobre ela, com grande ênfase, o pecado e a degradação (SPENCER, 1996, p. 372).

Assim, por meio do cânon bíblico, a religião (cristã) tratou de construir formas de comportamentos aceitos por Deus, principalmente, desprezando qualquer forma de amor que não fosse o amor “natural”, entre homens e mulheres. Criando, dessa forma, a imagem do pecaminoso, do ser que merece arder no inferno. Textos do cânon bíblico, tais como aqueles extraídos dos *Gêneses*, da *Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios* ou do livro de *Levítico* foram essenciais para a

formação desse pensamento de ser pecaminoso, que predomina ainda fortemente na sociedade atual (SOUSA NETO, 2011). Podemos perceber isso nesses trechos: “Com varão não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação” e “Quando também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; certamente morrerão; o seu sangue cairá sobre eles” (Lv 18,22; 20,13).

A ideia de ser pecaminoso não foi a única que rodeou essas pessoas que se opuseram às normas impostas pela sociedade heteronormativa. Mas antes de falarmos de sua imagem ligada à doença, façamos um parêntese, apenas para destacar que o próprio *Lampião da Esquina* trouxe um pouco da história da contribuição da religião e principalmente do cânone bíblico para a formação do homossexual como pecaminoso, assim, na reportagem *Homossexualismo e Igreja*, por exemplo, aborda:

As interpretações atuais da Teologia, numa visão histórica e antropológica, falam da condenação judaica ao homossexualismo (sic) como uma repressão às práticas religiosas pagãs (no Velho Testamento, como repressão às religiões politeístas tradicionais das regiões que os judeus foram ocupando; no Novo, a referência é a Grécia, em parte (culpa da cultura onde Paulo se criou), e, no restante, ou vindo o galo cantar e não sabendo aonde), e não à prática sexual, em si; Cristo, em nenhum momento, faz referência (quer religiosas, quer condenatórias) a homossexuais, ou ao homossexualismo, e estas se concentram em Paulo e no Apocalipse (RODRIGUES, 1979, p. 4).

O jornal segue na espécie de um panorama apontando, como que a interpretação da religião em relação à homossexualidade como maldição, expulsão, doença mental contribuiu para “vilipendiados e

marginalizados, os homossexuais chegarem ao Estado atual como malditos: na 2ª Guerra Mundial, perseguidos, chacinados, são os únicos sem direito à reparação, após o Armistício”. No Brasil, “humilhados verbal e fisicamente, sendo, constantemente, destinados à limpeza de privadas e chão, nas delegacias, além de usados sexualmente, tanto pelos policiais como pelos presos” (RODRIGUES, 1979, p. 4).

Retomando, a ideia de a homossexualidade ser considerada uma doença, também foi formada e contribuiu bastante para a prática de ações preconceituosas vindas de pessoas que não aceitavam e não aceitam os homossexuais, devido aos valores negativos que foram forjados na imagem do homossexual. No que se diz respeito à formação desse pensamento, de ser doentio, Sousa Neto afirma:

Durante o Século XIX, sucessivas gerações de médicos, na Europa e na América, dedicaram-se à busca da causa do que consideravam ser uma disfunção sexual. Até 1700 isso era tido como um pecado contra Deus e, portanto, uma falha moral teológica. Tornou-se, a seguir, um crime social, contra o qual o Estado legislava. Agora estava por transformar-se numa inadequação médica e psicológica, que muito rapidamente poderia vir a ser uma doença mental. Está passagem de pecado para crime, e daí para insanidade, foi provocado por mudanças sociais (SOUSA NETO, 2011, p. 273).

A chegada desse pensamento na escrita (literatura) brasileira e no discurso médico-legal acontece na segunda metade do século XIX, como destaca Trevisan: “na segunda metade do século XIX, antes que os juristas comessem a fazê-lo, os médicos-higienistas já prescreviam uma nova ordem moral que excluía os homossexuais” (TREVISAN, 2000,

p. 57), ou, como bem assinalou Jorge Caê Rodrigues:

A invisibilidade manteve-se por toda a primeira metade do século XX, momento em que a sociedade brasileira passava por um processo de psicanalização. No que tange aos homossexuais, obras como “Homossexualismo e Endocrinologia”, de Leonídio Ribeiro, ou “Homossexualismo e Delinquência”, de Luiz Ângelo Dourado, fazendo coro às de seus predecessores tal como Viveiros de Castro e Pires de Almeida, serviam de base para a condenação por base moral de homossexuais, levando-os aos manicômios, tal como ocorrido a Febrônio Índio do Brasil, em caso bastante famoso até meados dos anos 1980, encarcerado sem julgamento por 57 anos (2010, p. 45).

Um fato importante na história contribuiu ainda mais para imagem negativa do homossexual, a doença da AIDS, que ficaria conhecida posteriormente como peste gay, ou doença de gay, como destaca Costa:

O que importa observar é que essa progressiva redefinição do homoerotismo, produzida pela mudança na moderna mentalidade sexual, foi acelerada pelos movimentos da contracultura americana dos anos 1960-70 e sofreu um enorme impulso pelo impacto da AIDS (1994, p.157).

A AIDS realçou definitivamente o arcaísmo cultural da noção de homossexualidade. Podemos ver claramente as mudanças nos seus sentidos, e que será ignorado por alguns instantes pelo estado capitalista no momento em que os homossexuais passam a consumir. A busca por comprovar geneticamente a formação do homossexual foi fator predominante no século XIX, e perpetua até hoje em alguns campos teóricos, talvez por não perceberem que esse conceito se formou social e historicamente. “[...] as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas (sic),

porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente” (CHAUÍ, 1984, p. 9).

É evidente essa transformação nos conceitos sobre o homossexual ou do que se entende por homossexual. É quando a “diferença” torna-se sinônimo de desigualdade, ou seja, o homem heterossexual se torna padrão do que seria a maneira certa de se comportar sexualmente em uma sociedade, caso ao contrário poderá ser julgado nas mais variadas formas e nos mais variados discursos, diferentemente do homossexual. “Nenhuma cultura lida com o sexo como um fato natural bruto, mas já o vive e compreende simbolicamente dando-lhe sentidos, valores, criando normas, interditos e permissões” (CHAUÍ, 1984, p. 22). Essas transformações, no que diz respeito à sexualidade, só serviram e servem para que a sociedade ocidental sentisse medo de algo que é tão comum, quanto o ato de respirar, e comesasse a julgar as pessoas pela sua sexualidade, um engano, pois as pessoas não são sua sexualidade.

Já se sabe que o entendimento de ser homossexual passou por várias transformações, nas quais destacamos o *ser pecaminoso* e o *ser doentio*. Agora daremos ênfase a outra imagem que foi criada e que predomina também até hoje, o *ser perverso*, ou seja, “A figura da antinorma ou do desvio do ideal, representadas pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais” (COSTA, 1994, p. 19). Após atuação da Igreja e do discurso médico, surge o Estado como membro repressor às pessoas que fugiam das normas impostas como “corretas” ou “normais”.

A repressão sexual do ponto de vista moral, será pedagogia (para corrigir e criar hábitos sexuais virtuosos ou

morais), será punção [...], será vigilância, [...], sobre tudo será estigmatização, (o vício “por natureza”) e a corrupção e depravação devem ser apontados [...] e sinalizados, isto é, marcados para que os demais membros da sociedade possam dispor de instrumentos para identificar os viciosos (CHAUÍ, 1984, p. 19).

E esse foi o papel do Estado: guiar a população a enxergar o mal que essas pessoas (os homossexuais) poderiam trazer para suas vidas. Como? Fazendo operações e programas no intuito de limpar os lugares ocupados por essas minorias, ou seja, onde existe homossexual, além de existir o pecador, existe o doentio, por isso, deve tomar-se cuidado para não ser contagiado e, posteriormente, existiria o bandido, o criminoso o perverso. Nesse contexto, encontra-se a invisibilidade, que Sousa Neto destaca como cumprindo uma dupla função:

Ela é imposta como forma de segregação pelos setores hegemônicos da sociedade, por um lado e, por outro, ela se configura como astúcia adotada pelos sujeitos homoeroticamente inclinados para que pudessem fugir, na medida do possível, da repressão policial, uma vez que, mesmo sem uma legislação que coibisse exclusivamente a prática homoerótica, o braço armado do estado se utilizava de outros subterfúgios para perseguí-los, além, claro, dos indivíduos comuns que condenavam suas práticas eróticas e seu modo de vestir, adornar-se, caminhar e falar (SOUSA NETO, 2011, p. 123).

Mais uma vez, essas transformações no que se diz respeito ao modo de ver o homossexual, geraram e geram bastante desconforto para aqueles que entendem que sua orientação afetiva sexual realmente trata-se de uma perversão, assim:

A presença do desejo pelo mesmo sexo retira-lhe a possibilidade de identificar-se com um homem, e só esse homem, diante dos ideais atendi

as exigências prévias da sexualidade conjugar. Resta-lhe então, identificar-se como sobra. E o que sobra é a figura do homem *maqué*, do homossexual, com um “a menos” de virilidade fálica imposta pelo ideal moral, com o qual, a maioria dos homens rotulados sonha (COSTA, 1994, p. 82).

A repressão ao indivíduo homossexual não é recente, mas o sentido que se dá para a sua utilização, a partir do surgimento do seu conceito, sim. Mesmo por que, o que entendemos hoje por homossexualidade, poderia até não ser aceito em outros tempos, porém não significa necessariamente que essas pessoas fossem ligadas à figura do perverso, do ser que deve ser eliminado. Cria-se com seu conceito (séc. XIX) uma diversidade (proposital) de adjetivos pejorativos para serem atribuídos a essas pessoas:

o homossexualismo (sic). Através da medicalização classificatória, tornou-se uma *espécie sexual* (como há espécies em botânica em zoologia) um *tipo social*. De atividade, transformou-se num *modo de ser* que determina todas as outras atividades e o destino pessoal de alguém. Não apenas “doença”, “disfunção” ou “perverso”: é quase uma *coisa* (CHAUÍ, 1984, p. 29).

Outro sentimento se cria a partir dessas “transformações conceituais”, o do *preconceito* tanto no meio das pessoas não homossexuais, quanto no meio homossexual. Com essa criação sócio-histórica em relação ao “ser homossexual”, fica difícil com que as pessoas não tenham talvez esse sentimento, pois, algo construído por todas as vertentes “significativas” da sociedade, Igreja, Medicina e Estado, não podem estar errados, talvez seja o pensamento de muitos. A esse respeito:

[...] a luta contra o preconceito, [...] encontra seu principal obstáculo na linguagem escolhida como instrumento de luta. Essa linguagem, [...] onde o discriminado é forçado a

recorrer ao vocabulário do discriminador para identificar-se como sujeito e para reivindicar a considerações moral á qual ele aspira (COSTA, 1994, p. 83).

Pode se observar nitidamente que houve uma mudança nos conceitos e nas vertentes ligados às homossexualidades, que foram capazes de influenciar no vocabulário, no sentido de mudança de termos, e formas de se falar sobre a sexualidade. Essa mudança prejudica alguns até hoje, tanto os homossexuais que são reprimidos, tanto os que reprimem, por não darem a eles a livre expressão do corpo e do desejo. Neste contexto:

Alguns historiadores como Jean-Louis Flandrin estudaram o vocabulário sexual usado em outras épocas e na nossa e verificaram modificações expressivas. Até o séc. XIX, por exemplo, usavam-se palavras tais como: coito, amor

carnal, lubricidade, luxúria, [...]colocando o sexo como pecaminoso, perverso, indecente. [...] Em contrapartida a partir dos meados do século XIX, os vocabulários pertencem ao campo da biologia e da medicina: ninfomania, erotomania, homossexualismo, masoquismo [...]. Nas obras literárias, falava-se francamente coito, copula. Hoje, fala-se em abraço, beijo, carícia, amor, prazer. Houve, assim, um duplo deslocamento da aberração pecaminoso, passou-se a fragmentos dele (CHAUÍ, 1982, p. 28).

Essas mudanças seriam imperceptíveis para a sociedade capitalista que veriam o homossexual como nicho de mercado, alguns pouco importando-se com a história ou o comportamento do homossexual, até o momento que não surjam ou não interfiram nas suas vidas como vizinhos, como amigos de seus filhos.

3 “O Papa não nos ama? Nós rezamos por ele”*

Apresentaremos aqui algumas reportagens publicadas no jornal *Lâmpião da Esquina*, relacionadas aos aspectos repressivos dos dogmas da Igreja Católica a respeito da sexualidade, e no caso a tratar, a homossexualidade. Concomitantemente, observaremos por meio delas a maneira com a qual o jornal se comporta e se apresenta perante esse assunto.

A publicação de novembro de 1979 trazia em suas páginas uma reportagem de Francisco Bittencourt tratando de uma recente viagem do Papa João Paulo II aos Estados Unidos, dizendo que a Igreja Romana caminhava a passos largos para um cisma irremediável, devido a sua estrutura medieval e

autoritária, e que não era mais possível “retornar ao regime de dogmas infalíveis e de definições abrangentes, ditados, ainda por cima, por alguém que, sob a capa da mansidão esconde a vocação de pregador de estádio, de aliciador de multidões” (BITTENCOURT, 1979, p. 14). E terminou criticando a atitude do Papa nessa viagem, na qual segundo ele teria ido à América, lugar onde surgiram todos os grupos minoritários reivindicantes, para falar justamente contra os programas e as aspirações desses grupos. E lembrou que Vossa Santidade visitaria o Brasil em seguida, para fazer o mesmo discurso, criticando assim a Igreja Católica não como uma instituição que pensa a liberdade do ser, mas como própria criadora do discurso que exclui a liberdade não

* Francisco Bittencourt (1979, p. 14).

só de expressões contrárias a elas, mas também a liberdade do desejo e do gozo.

Antônio Roig Roselló, o Padre Antônio, confessava publicamente em seu livro, exposto na edição de maio de 1978 pelo *Lâmpião da Esquina* a sua homossexualidade (tratada ainda como homossexualismo no período) e reivindicando o direito de inclusive como padre viver de acordo com sua própria sexualidade (ROSELLÓ, 1978, p. 7). E vai dizer ainda como essa “confissão” por meio de seu livro acabou por trazer consequências para ele, principalmente da sua Igreja, onde várias sanções foram feitas contra sua pessoa, até que, foi suspenso pelo Arcebispo de Valência. No convento onde morava, ele passou a ser evitado pelos outros padres e, impedido de rezar missa, pregar, ou ouvir confissões, Padre Antônio, sob ameaça de expulsão, foi também proibido de falar sobre o seu homossexualismo (ROSELLÓ, 1978, p. 7). A reportagem talvez diga por si só a repressão que o padre sofre da Igreja. Por um momento ele é o padre respeitável, confiável, fiel, entretanto, a partir do momento que assume sua homossexualidade passa a ser o indivíduo que deve ser combatido, excluído.

Na mesma edição e página, Darcy Penteado traz uma vertente diferente da imagem que temos da Igreja, seja ela qual for. A matéria *Cristo também está conosco* apresentou um movimento religioso chamado *Dignity*, uma organização nacional norte-americana de homossexuais católicos, fundada em 1968 em San Diego, Califórnia, e com representações em mais de 50 cidades norte-americanas, partindo do princípio de que os homossexuais são membros do corpo místico de Cristo, englobados entre as pessoas de Deus (PENTEADO, 1978, p. 7). Os que habituavam a

julgar os homossexuais como indivíduos imorais, marginalizados, etc., a partir da existência dessa organização, aprovada e apoiada pela Igreja, acabam por se surpreender.

E aqui, a conclusão de Penteado e a crítica a alguns homossexuais, fala por si só a maneira como ele se comporta como editor do Jornal em relação ao surgimento de um tipo de organização como essa:

Como se pode ver, a homossexualidade não se mostra somente através de plumas, paetês, frescuras, hábitos ou atos que - como a maioria pensa - atentem contra a moral. É claro que a consciência coletiva de um grupo como *Dignity* ou outros, religiosos ou não, de vários países e que pretendem a integração do homossexual na sociedade, depende de personalidades individuais e fatores culturais que, infelizmente nós ainda não temos - isto é, temos sim! Só que aquela que poderíamos chamar de "elite intelectual da homossexualidade brasileira" que não tem coragem de assumir publicamente a própria homossexualidade e muito menos de participar de manifestações como esta (PENTEADO, 1978, p. 7).

Algumas edições depois, o jornal publicaria uma entrevista de um rabino que se assume também como homossexual. É notório destacar como o periódico apresenta duas matérias com o mesmo viés, com o intuito de criticar os dogmas religiosos, seja católico ou não, com isso deixa evidente que o homossexual pode ser o que bem desejar até mesmo um padre ou um rabino, metendo assim “o dedo na ferida da Igreja”. As *confissões de um rabino guei. ‘Não espargir as sementes em vão...’*, traz a entrevista e assim a história de Alan Ebert, um filho de rabino hassídico (a seita judaica mais ortodoxa), criado com extrema severidade para sucedê-lo. Ebert usa o nome de rabino Josef Bem Ami, um pseudônimo que significa “do povo”

(MARQUES, 1979, p. 14-15). Mesmo sendo filho de rabino e ainda homossexual, “o resultado disso tudo, ao contrário do que se poderia esperar, é um homem equilibrado que acredita com insistência na mudança dos padrões judaicos em relação à homossexualidade, embora saiba que isto não é para amanhã” (MARQUES, 1979, p. 14-15).

Na mesma página, *Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi*, no qual um padre (Padre Netto) escreve sobre uma passagem da bíblia, e como que nela encontra-se um amor entre dois homens, o amor tão condenado pela Igreja (PADRE NETTO, 1979, p. 15). O amor que Davi possuía por Jônatas era tão forte e real, que “quando este morreu na batalha de Gilboa Davi o pranteou desesperadamente: ‘Angustiado estou por ti, Jônatas; quão amabilíssimo me eras. Mais maravilhoso me era o teu amor que o amor das mulheres’” (PADRE NETTO, 1979, p. 15). E continua:

O homossexualismo (sic) é uma forma de amor. E o amor é uma partícula de Deus, pois “Deus é Amor” (19 S. João IV:8). Deus está no amor e o amor está em Deus. Ele é imenso e ninguém pode limitá-lo. Pode estar no relacionamento entre homem-mulher, mulher-mulher, ou homem-homem. Basta que em tais relacionamentos exista a partícula divina que se chama – AMOR (PADRE NETTO, 1979, p. 15).

Agora imaginemos um jornal feito por e para homossexuais em um período como o do declínio da Ditadura militar, expor um padre escrevendo sobre o amor de dois personagens da Bíblia, e afirmando de forma implícita que Deus é a favor dessa forma de amar, é uma

postura clara de indignação e contestação do discurso religioso.

Para dar fim as apresentações dessas reportagens, destacarei a reportagem de agosto de 1980, intitulada *Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Wojtyla*. A matéria falava sobre a tentativa de entregar uma carta ao Papa João Paulo II em sua visita ao Brasil, a carta era escrita por integrantes do grupo *Beijo Livre* “que falava principalmente das declarações do Papa em Chicago, quando ele acusou o homossexualismo de ser ‘moralmente errado’ - coisa, aliás, que sempre me levou a pensar na curiosa coincidência entre a moral de Cristo e a da classe dominante” (RIBONDI, 1980, p. 3). Na carta teria algo aparentemente escrito como: “Reconhecemos a ampla influência da Igreja no Mundo Cristão. Dessa forma, acreditamos que as declarações de S.S. justificam a repressão, a violência e o preconceito de que são vítimas os homossexuais” (RIBONDI, 1980, p. 3).

É importante deixar bem claro que a correspondência foi interceptada pela segurança. E, baseado neste exemplo, indagamos quantas outras cartas de protesto e denúncia não chegaram ao Papa e das quais ninguém ficou sabendo. Mas se, com um número pequeno de integrantes, “o Beijo Livre conseguiu furar o cerco e chegar bem perto da batina da autoridade, o que não seria possível fazer se os grupos homossexuais pudessem contar com muito mais gente disposta a pôr ventilador na farofa dos donos da moral? Dá até água na boca, só de pensar” (RIBONDI, 1980, p. 3).

4 Por fim...

Assim sendo, no intuito de observar como o primeiro jornal gay a circular em nível nacional no Brasil se apresenta em relação ao tratamento dado a homossexualidade e aos homossexuais por parte da religião, podemos perceber que notas não só de desagravo como também de indignação por parte dos que sofrem diariamente com esse discurso que exclui, que mata, que fere e transforma um ser, foram constantes no jornal, ou seja, a tentativa de “atacar” ou responder a Igreja, expondo pensamentos contrários aos seus, e que eles não influenciam na vida de uma pessoa, mostra qual a postura do jornal em relação a

Igreja e ao seu tratamento perante os homossexuais.

E dessa forma, nos faz refletir sobre outras questões que podem ser respondidas em trabalhos futuros, como: Qual o pensamento da Igreja Católica sobre a homossexualidade hoje? E como a imprensa gay atual se comporta perante isso? Há interesse em discutir isso por parte dela? Ou seja, qual o papel social da imprensa gay na atualidade? Essas perguntas nos movem a pensar a imprensa gay tanto como uma ferramenta política, quanto como um mero mercado, criando-se assim, novas perspectivas de estudos.

Referências

BÍBLIA, V. T. Levítico. Português. **A Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Niterói: Fecomex, 1997. Cap. 18, vers. 22; cap. 20, vers. 13.

BITTENCOURT, Francisco. O Papa não nos ama? Nós rezamos por ele. **Lâmpião da Esquina**, n. 18, p. 14, nov. 1979.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo I. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Movimento LGBT e Mídia no Brasil Contemporâneo: o Lâmpião da Esquina (1978-1981). In: **Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí**, Jataí-GO, 2011.

MARQUES, Clovis. As confissões de um rabino guei. ‘Não espargiras sementes em vão...’. **Lâmpião da Esquina**, n. 12, p. 14-15, mai. 1979.

PAMPLONA, Ronaldo da Costa. **Os onze sexos**. São Paulo: Gente, 1994.

PADRE NETTO. Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi. **Lâmpião da Esquina**, n.12, p. 15, mai. 1979.

PENTEADO, Darcy. Cristo também está conosco. **Lâmpião da Esquina**, n. 01, p.7, mai. 1978.

RIBONDI, Alexandre. Brasília: carta aberta ao Sr. KarolWoitjila. **Lâmpião da Esquina**, n. 27, p. 3, ago. 1980.

RODRIGUES, Aristóteles. Ensaio Populares. Capitalismo, socialismo, argh! **Lâmpião da Esquina**, n. 8, p. 4, jan. 1979.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010.

ROSELLÓ, Antônio Roig. Confissões de uma Carmelita. **Lâmpião da Esquina**, n. 01, p. 7, mai. 1978.

SILVA, Fábio Ronaldo da. **A representação de homossexuais nas revistas Dom e**

Junior. Campina Grande, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-fabio-representacao-dos-homossexuais.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. ‘...E havia um lâmpião na esquina’ – Memórias, identidades e discurso homossexual no Brasil do fim da ditadura. (1978-1980). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. **Homoerotismo no Brasil contemporâneo:** representações, ambigüidades e paradoxos. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. Religião, Ciência e Exclusão: notas sobre a homofobia no Brasil. In: PASSAMANIM, Guilherme R. (Org.). **(Contra)Pontos:** ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.p. 87-104.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade:** uma história. Rio de Janeiro: Record, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Artigo recebido em 30 de setembro de 2013.
Aceito em 05 de novembro de 2013.